

Acervo
ISA

GRACINDO
O PRIMEIRO ATOR DA TV

E LEIA

veja

EDITORA ABRIL - N.º 232 - 14 DE FEVEREIRO DE 1973

Cr\$ 4,00

O ENCONTRO COM OS GIGANTES



Os gigantes, finalmente

Lá estavam eles. Atlético, pintados de preto da cabeça aos pés, nus por completo, os cabelos aparados à altura da orelha, os kranhacãrore, ou índios gigantes. Eram oito e todos muito jovens, entre quinze e dezoito anos. Nenhum deles mediria menos de 1,80 metro. Na clareira aberta pelos irmãos Villas Boas na margem oposta de seu acampamento, no rio Peixoto de Azevedo, extremo oeste de Mato Grosso, os adolescentes kranhacãrore recolhiam presentes. Sua algazarra, ouvida de longe, significava um convite, abria o caminho para o contato esperado desde 1968, quando os Villas Boas realizaram a primeira expedição à terra dos gigantes e tiveram de desistir, por causa das fortes chuvas, depois de tê-los visto a uma distância superior a 500 metros.

Agora, mais de um ano depois de iniciada a segunda tentativa, eles reapareciam aceitando a aproximação. Cláudio Villas Boas e os índios do Xingu que o acompanham haviam terminado o almoço, às 11h30 do dia 4, domingo. Entraram numa canoa e atravessaram os 100 metros do rio. Do outro lado, os rapazes kranhacãrore recuaram, sem se esconderem completamente. Inquietos, como aqueles que se aproximavam, eles continuavam esperando. Em seu primitivismo, revelavam a mesma curiosidade de um cientista diante do desconhecido.

O jogo — Mais de meia hora duraria o balé das culturas por tantos séculos separadas. Cauteloso, evitando qualquer precipitação, Cláudio mandava seus xinguanos remarem de volta, a cada recuo dos kranhacãrore. E estes, reanimados, tornavam ao meio da clareira, ao varal de presentes deixado ali desde julho do ano passado e constantemente renovado com colares, facões, machados, facas pequenas.

Até que Cláudio, imaginando ser aquela a melhor regra para o jogo, decidiu ir sozinho ao encontro deles. Atravessou o rio, desceu da canoa, tirou as botinas e, uma faca na palma da mão estendida,

discursou nos muitos dialetos indígenas que conhece depois de trinta anos entre mais de dez tribos. Detrás das árvores, os gigantes gritavam e gesticulavam, indicando o varal, insinuando que a faca devia ser pendurada. Cláudio, também com mímica, já que as palavras efeito algum provocavam, chamava-os, queria que eles pegassem a faca em sua mão.

Visivelmente interessados, mas refreados por algum resquício de temor ao estranho que por muitos meses estava ali,



Em 1968: a 500 metros de distância

rondando seu povo, eles resistiam aos apelos. Numa ligeira concessão, mostraram o toco de uma árvore. A faca deveria ser depositada naquele altar. E assim Cláudio fez.

A melancia — Distanciou-se o enigmático ser de vidros pretos sobre os olhos, desgrenhados e grisalhos pêlos pendentes do queixo, o corpo frágil co-

berto de panos rotos. E os senhores da selva, ainda temerosos e alegres, chegaram até perto do toco.

Então, Cláudio tornou a pegar a faca e os gigantes uma vez mais deram passos para trás. Outra vez, a faca foi deixada sobre o toco e Cláudio, sempre pensando em apagar os medos, sentou-se num monte de terra, a coçar o pé, e começou a comer um pedaço de melancia trazida de presente. Grotesco ou anedótico em si, este gesto aceleraria aqueles minutos finais de uma meia hora de nervosismos, de parte a parte. Um dos rapazes, decidido, adiantou-se e manteve-se no mesmo rumo, o da faca, quando Cláudio se levantou. E sem temor, apesar de tenso, aceitou a oferta que aquela mão branca lhe esticava.

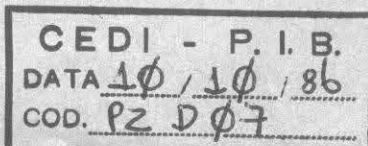
Era o contato, enfim. Os outros rapazes, semblantes felizes, também chegaram. Os índios xinguanos atravessaram o rio, subiram à clareira, trocaram presentes com aqueles estranhos de que tanto ouviam falar. Na volta, um dos kranhacãrore arriscou-se a entrar na canoa de Cláudio. Foi até o meio do rio, mergulhou e nadou para sua margem em elásticas braçadas.

A notícia — Como era domingo, Cláudio não pôde transmitir no mesmo dia a notícia para seus irmãos, Orlando e Álvaro, no escritório da Fundação Nacional do Índio, Funai, em São Paulo. Mas, às 9 da manhã de segunda-feira, dia 5, quando o rádio começa a funcionar, um chamado insistente chegava a São Paulo. Era a mensagem de Cláudio aos irmãos: "Vai a grande notícia: primeira hora da tarde de ontem vg entramos contato kranhacãrore vg tendo tudo transcrito melhor maneira possível pt Índios vg no início vg muito tensos vg depois de receberem na mão primeiro brinde vg numa aproximação individual vg encostaram todos pt No fim já riram alto e nos ofereceram flechas pt Parece nós fizemos en-

continua na página 23

A HISTÓRIA DAS FOTOS

Balançando sobre uma canoa, o fotógrafo Luigi Mamprin conseguiu as fotos mais próximas dos kranhacãrore, como a da página ao lado. Da margem oposta, a 130 metros de distância, pôde documentar o contato realizado pelos irmãos Villas Boas e mostrado nas cinco páginas seguintes.



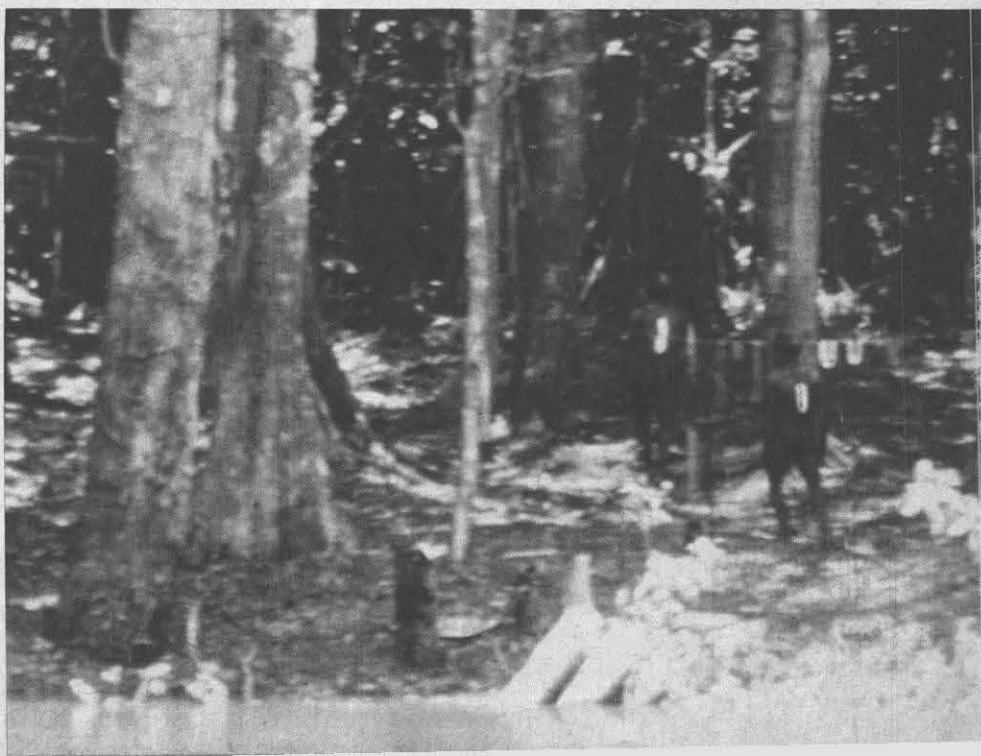


Depois de chamar, os gigantes aceitam o contato

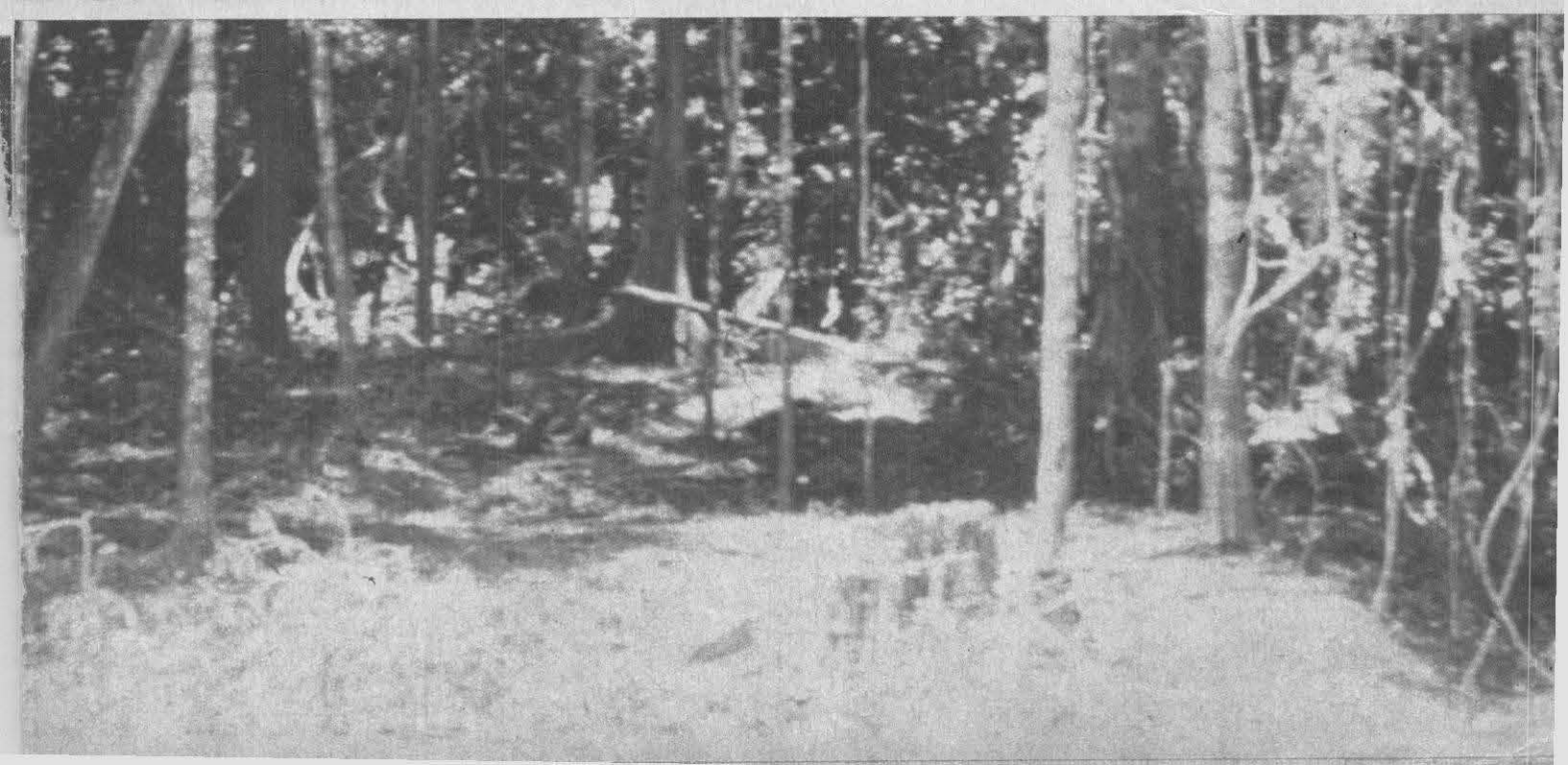
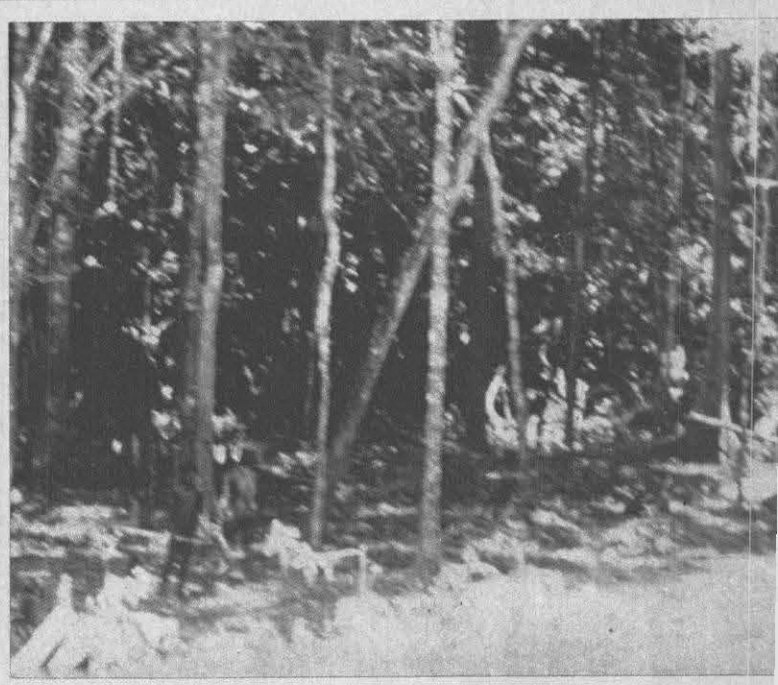
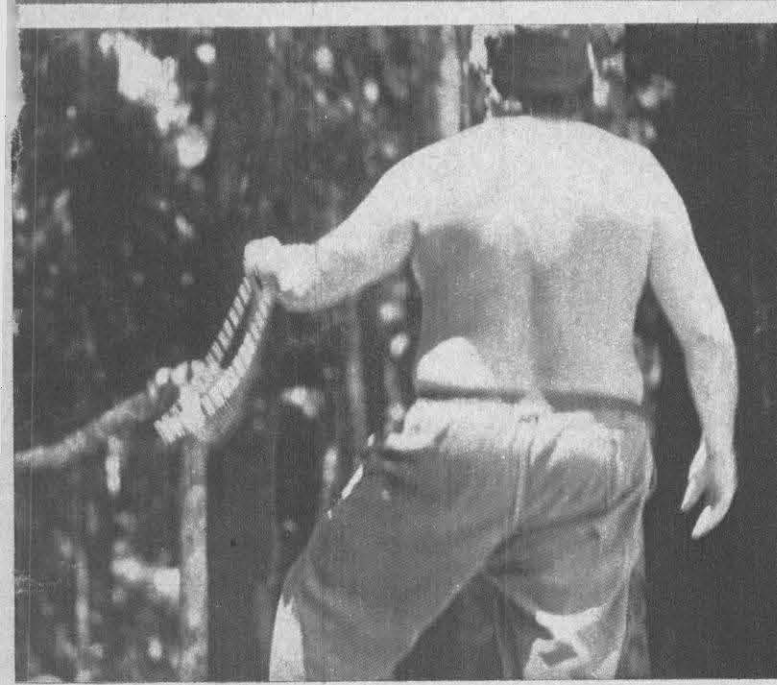
O segundo contato com os gigantes, na quinta-feira, dia 8. Da clareira com presentes partiram gritos que chegaram até o acampamento dos Villas Boas, 500 metros abaixo. Orlando, Cláudio e o médico, imediatamente, tomaram a canoa que os levaria até a outra margem. Como no primeiro contato, os índios se afastaram. Cláudio (de pé), Orlando e o médico (camisa branca) ficaram esperando nova manifestação. Atrás das árvores dois vultos negros e ágeis se destacaram. Brandindo um colar, Orlando caminhou na direção dos índios, gritando em diferentes idiomas, a exemplo do que Cláudio fizera da primeira vez. Mais de dez minutos passariam, até que os dois índios se mostrassem por inteiro, perdessem o medo. Orlando e Cláudio foram então até eles, rindo alto, demonstrando a felicidade que realmente sentiam. Os dois kranhacãrore, na verdade, eram adolescentes. O mais velho não teria mais de dezoito anos; o outro, cerca de quinze. Depois de aceitar os abraços dos irmãos Villas Boas, foram deixados à vontade. Calmamente, certos da amizade daqueles dois homens, caminharam até o varal e pegaram presentes.



FOTOS DE LUIGI MAMPRIM



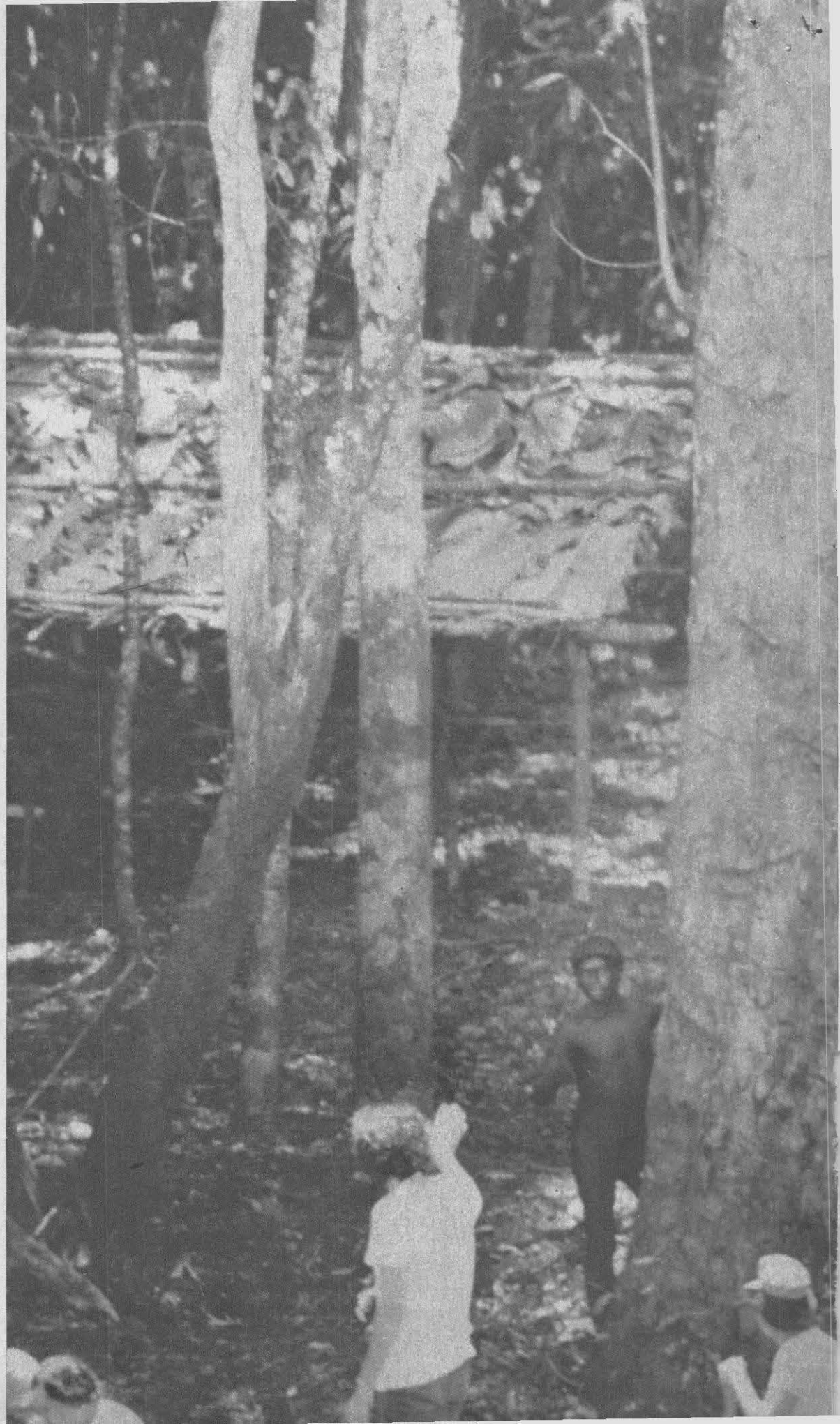






DEPOIS DO ADEUS, A PESQUISA

Ao final do contato, o aceno de despedida, um gesto que o índio parece não entender. De agora em diante, a tarefa dos irmãos Villas Boas será exatamente esta: encontrar sinais e palavras que levem ao diálogo com os gigantes. Então, haverá explicações para alguns de seus costumes, como o de raspar o alto da cabeça, numa espécie de tonsura, e o de usar brincos (feitos com as contas dos colares recebidos). As conclusões, de acordo com o que já ocorreu em outras tribos, podem demorar até um ano.





tender para voltarem logo pt Ressurgirão com certeza nestes dois ou três dias em número maior pt É o que parece pt Ressurgiriam, de fato, quatro dias depois. Mas em número menor: dois outros adolescentes que, pelos padrões da cultura branca, poderiam ser classificados de impulsivos, arrastados pela curiosidade a uma aventura distante dos olhares paternos. Orlando, atendendo ao chamado de Cláudio, tinha chegado com um médico, no avião de um amigo. Também eles, num contraste com seus trinta anos de floresta e mais de cinquenta de vida, lembravam duas crianças entusiasmadas.

A festa — Acompanhados do médico Belfort Matos, os dois irmãos remaram na direção dos dois kranhacãrore. Como os do primeiro contato, estes também tinham todo o corpo pintado de preto, com jenipapo. Esta, aliás, seria a maior surpresa, já que, em outras ocasiões, os kranhacãrore vistos a distância exibiam a pele avermelhada de todos os índios. De resto, nada de extraordinário foi percebido pelos Villas Boas. O idioma, que eles supunham semelhante ao dos txukarramãe, contatados há quase vinte anos, revelou-se incompreensível. De conhecido, apenas a expressão "ororhó", do grupo lingüístico tupi, com o mesmo significado: "Eu vou embora", o que já funcionará como chave para a descoberta de outros vocábulos. O corte de cabelo assemelha-se ao dos kamaiurá, contatados em 1948. Fisicamente, são bem mais fortes que os já conhecidos.

Em suas atitudes, porém, parecem-se com todas as tribos que os Villas Boas já atraíram, desde os primeiros, os kalapalo, de 1946, até os mais recentes, os txikão, de 1965. Gostam de brincar, como todos os índios de um modo geral, inclusive os aculturados da expedição. Muito alegres, os dois kranhacãrore aceitaram os abraços, os tapinhas nas costas, os beliscões na barriga, os colares que Orlando e Cláudio lhes puseram no pescoço. Às gargalhadas, também procuravam encostar as mãos nos Villas Boas.

Os quatro, em tudo, eram crianças em festa. Os selvagens, pelo encontro frente a frente com aqueles de quem vinham recebendo presentes tão úteis há vários meses. Os civilizados, por finalmente poderem iniciar, junto aos kranhacãrore, o delicado trabalho diplomático de convencê-los a se afastarem daquela região onde sempre viveram. Pois ali, dentro de poucos anos, estará passando a Cuiabá—Santarém, uma das rodovias principais do sistema transamazônico.

A expedição — Há um mês, quando

se avolumavam cada vez mais as águas do Peixoto de Azevedo, sob as chuvas intensas, um surto de gripe desanimou Cláudio Villas Boas. A maioria dos 42 índios de sua expedição passava dias inteiros nas redes, enquanto não chegava o médico que Orlando levaria de São Paulo. Nesses dias, desejava-se mesmo que os kranhacãrore não aparecessem. Indefesos aos ataques do vírus, muitos de seus homens, mulheres e crianças morreriam rapidamente, como já ocorreu com outras tribos. Então, mais querendo do que prevendo um retardamento, Cláudio dizia: "Estamos numa fase muito avançada. O momento decisivo, de o índio chegar e receber os presentes na mão, aceitar o nosso abraço, é iminente. Mas, em verdade, eu acho que eles só chegarão aqui depois que as chuvas passarem e as águas baixarem".

Prevaleceria a iminência, não por um



Em 1965: o contato com os txikão

capricho do destino, que levou os kranhacãrore ao acampamento uma semana depois de estancado o surto de gripe. Mais que a fatalidade, deve-se considerar a paciente e sacrificada espera de Cláudio, Orlando e os índios xinguanos. A data histórica de 4 de fevereiro de 1973 marcaria também o 383.º dia da expedição. Para trás, no diário de Cláudio e nas reportagens de quase todas as publicações brasileiras, estavam semanas inteiras passadas a arroz empapado e peixe cozido, algumas marcadas pela decepção, pelo calor abafado da mata ou os temporais intermináveis.

O encontro — Os seis primeiros meses da expedição, quando o apoio aos trabalhadores do 9.º BEC (Batalhão de Engenharia e Construção, do Exército) constituía a missão prioritária, foram de alerta constante. Era preciso, da parte dos homens da Funai, orientar os militares, para que não se precipitassem. Ao mesmo tempo, num exercício de adivinhação, tinham de evitar que os desco-

nhecidos e ainda mal localizados kranhacãrore cometessem alguma imprudência perigosa. Infelizmente, houve falhas nos dois setores.

Talvez mereçam reprovação, num raciocínio branco, os índios que se mostraram aos homens do BEC. Talvez estes, numa lógica puramente sertanista, tenham a culpa de não se manterem calmos e serenos. De qualquer modo, o resultado foi desastroso. A fim de corrigir um erro de cálculo, os trabalhadores tiveram de recuar sua picada em 5 quilômetros. Conta Cláudio, ressentido: "Infelizmente, nesse trabalho deles, sem a nossa presença, aconteceu uma aproximação dos índios e o pessoal do batalhão não se comportou como devia. Começaram a atirar para cima, até foguetes soltaram. Os índios tiveram a coragem de reagir a essa manifestação hostil e chegaram a flechar um trabalhador. Isso atrasou muito o nosso trabalho".

O desespero — Todo um plano de contato pacífico e sereno era perturbado. Por toda a área, já a mais de 40 quilômetros do ponto de partida da expedição, a base do Cachimbo, havia vestígios do índio kranhacãrore. Nas árvores, bem acima do normal, galhos quebrados durante suas caminhadas confirmavam a tão alardeada estatura maior que a média indígena (de 1,65 m). Tudo, enfim, indicava ser aquela uma tribo diferente. Justificavam-se os cuidados que o incidente com o trabalhador do batalhão ameaçava jogar por terra, talvez definitivamente.

Era o começo de julho, exatamente quatro anos depois de iniciada a primeira expedição dos irmãos Villas Boas rumo às terras daqueles índios que as outras tribos tanto comentavam, recosas. A oeste de Mato Grosso, cerca de 300 quilômetros ao sul da base do Cachimbo, o território kranhacãrore ocuparia o lugar do coração do Brasil, se aos países fosse dado possuir um. Mesmo para os Villas Boas, que por ali passaram esporadicamente em outras missões, muitos anos atrás, uma região quase desconhecida.

Quatro anos antes, quando o índio arredio se aproximava, eles tiveram que desistir, no início de novembro e das chuvas. O mesmo desalento voltaria ao sexto mês da segunda expedição. Como antes, os Villas Boas e os índios xinguanos sentiam a redondeza repleta de sinais dos kranhacãrore. Como antes, sabiam que, conseguida a sua entrada até aquele ponto, o contato só exigiria paciência. Entretanto, ocorreu aquele episódio adverso e tudo se tornou imprevisível.

A paciência — Consertar o mafeito, nesse caso, equivaleria a pedir que um cego descrevesse a paisagem à sua volta.

Por que milagre, perguntava Cláudio Villas Boas no começo de janeiro, em entrevista a Luigi Mamprin, de VEJA, iria o kranhacãrore compreender que aquele era um grupo subdividido, sendo um dos lados, o da Funai, experimentado em se aproximar de tribos isoladas? Esta parte do grupo, por ofício e índole, preocupava-se exclusivamente com o bem do kranhacãrore. Declara Cláudio: "A penetração na terra do índio é sempre nociva. Se ele tem valor, ou não, este é um problema muito mais amplo, que exigiria de nós uma apreciação profunda e detalhada de toda a estrutura do povo brasileiro, até em seus aspectos jurídicos. Por que, mesmo o índio sendo garantido pela Constituição, ele não desfruta de suas garantias constitucionais, como a posse de suas terras?" Mas como convencer o kranhacãrore de que ali havia alguém com intenções tão boas?

Incapaz de ter noção clara das coisas, o índio obrigava os homens da Funai a um sacrificado exercício de perseverança. E esse foi o esforço de Cláudio e dos 42 índios que com ele permaneceram à margem do Peixoto de Azevedo, enquanto Orlando, em viagens a São Paulo e ao Parque Nacional do Xingu, cuidava que a expedição não passasse falta de alimentos e, quando chegasse a hora, de presentes a oferecer.

A equipe de topografia do BEC seguiu para o norte, rumo a Santarém, no Pará. A da Funai, aliviada da função de apoio aos trabalhadores, instalou-se em seu acampamento, decidida a permanecer ali, como um vizinho, até os kranhacãrore captarem suas mensagens de amizade. Chegava a hora de, como há quatro anos, na primeira expedição, entrar na aldeia kranhacãrore.

A decepção — Uma vez mais, encontrariam vazias aquelas malocas de construção precária, simples travessões cobertos de bananeira brava. De alteração, e importante, apenas as roças em volta da aldeia. Seriam quase dez, em 1968. Passariam de cinqüenta, agora, e mais variadas: mandioca, milho, abóbora, banana, amendoim. Sem dúvida, operara-se em poucos anos um salto que normalmente consumiria séculos. Antes, na idade da pedra, derrubando árvores com seus machados rudimentares (um seixo pontudo e grande, atado com embira grossa a um cabo de madeira pesada), aqueles índios evoluíam para machados e facões de aço.

Economicamente, com toda a certeza, eles haviam crescido. Era muito provável, até, que estivessem subdivididos, já que desaparecera a necessidade de serem muitos para sobreviver. Como povo, entretanto, conservavam-se no mesmo estágio da primeira expedição. Talvez vissem semelhanças físicas entre aquele

grupo e os solitários garimpeiros, castanheiros e caçadores que eles estavam acostumados a eliminar com facilidade. Mas, seguramente, percebiam que os novos invasores tinham intenções outras. Assim, os gigantes preferiram se embrenhar na floresta ao pressentir a aproximação daquela gente.

E os irmãos Villas Boas, uma vez mais, experimentaram o gosto decepcionante de se retirar de uma aldeia positivamente vazia.

O eclipse — Em suas longas dissertações aos jornalistas e índios postados em redor de sua rede, Cláudio Villas Boas costuma se referir à perspicácia, à finura, à sutilíssima estrutura psicológica que envolve a aproximação de um grupo hu-



Orlando e um presente dos gigantes

mano afastado, porém feliz, em algum recanto da Terra. Vivem sua vida, cultuam seus ídolos, seguem seus ritos, falam seu idioma e, num repente, vêm-se diante de um ser nunca imaginado, que possui instrumentos de trabalho muito mais eficientes, dispõe de máquinas capazes de sobrevoar suas aldeias. E esse habitante de outro mundo toma ostensivas iniciativas de diálogo. Será benéfico receber esse indivíduo?

Cláudio Villas Boas, pondo-se no lugar do índio, sempre responde que não: "O mundo civilizado, está provado, destrói o mundo dos índios. Integrá-los em nosso meio, da maneira apressada que muitos querem, é desintegrá-los ainda mais rapidamente. Transformá-lo num subcaboclo não é integrá-lo". E os kranhacãrore, talvez avisados pelo eclipse (um péssimo agouro, para os índios de um

modo geral) dos últimos dias de julho passado, igualmente tiveram seus teniores e se retraíram.

O contato — Passou agosto sem novidades e também setembro ficaria em branco. Sem regularidade, os índios compareciam ao jirau para pegar os presentes. Nunca, porém, eles se mostravam. Até que, pela segunda quinzena de outubro, dois deles gritaram do outro lado do rio ou falaram alto enquanto apanhavam colares e se curvavam para pegar no chão algumas contas caídas. Dias depois, em número maior e mais calmos, eles reapareceriam. Gritaram, acenaram. Do acampamento da Funai, gritos e acenos de resposta e, por sinais, um convite para que chegassem até o acampamento. Comentário de Cláudio: "Claro que era uma exigência, a nossa, sem fundamento, porque o índio não tinha canoa do lado dele. Era só para dizer que gostaríamos que eles viessem até nós".

A ausência de canoa, pormenor pitoresco como o da melancia comida com fins táticos, e o emprego da expressão "o índio", no singular, em vez do plural normalmente usado, revela o preciosismo a que chegam os Villas Boas em seu trabalho de aproximação. E a importância que dedicam à tribo desconhecida. Consideram-na como representante de todos os indígenas, põem-se atentos aos mínimos detalhes e, quando o vêem, têm certeza de que ele não mais se afastará. Tendo à sua frente aqueles homens e mulheres tão seguros de si, Cláudio convenceu-se de que o maior obstáculo, o do retraimento, estava derubado: "Nessa época, eu falei: o contato já está feito".

A espera — O retraimento, ainda que diminuído, demoraria mais de três meses até desaparecer de todo. Novembro, repetindo o ocorrido quatro anos antes, e fiel ao ciclo daquela região, entrou com chuvas torrenciais que atravessariam dezembro, janeiro e perduram por estes dias de fevereiro. O pátio do acampamento estava permanentemente encharcado. As canoas, mesmo que o kranhacãrore soubesse manobrá-las, pouco prestavam, transbordantes como ficavam semanas inteiras. A natureza, como o firmamento no eclipse de julho, retardava os movimentos.

Neste começo de janeiro, quando completava um ano de espera, Cláudio Villas Boas ainda tinha palavras de compreensão para com o kranhacãrore, ao explicar-lhe a demora. Dizia: "Nós podemos achar que o índio é um bruto, um estúpido, um monstro que se recusa a entrar em contato com aquele que manifesta bondade com relação a ele. Mas será que nossas mensagens são entendidas? Nós é que talvez sejamos uns

estupidos, sem noção de nada que escape ao nosso mundo”.

O futuro — Igual atitude defendem os irmãos Villas Boas para os próximos anos, agora que o kranhacãrore aceitou o contato. Não só eles, mas todos os índios deveriam ser tratados como uma gente à parte, um povo autônomo, do qual se respeitam os valores, as propriedades, os conceitos que faz do universo e das pessoas. Orlando Villas Boas, assim como Cláudio e os sertanistas de um modo geral, sabe há muitos anos que esse procedimento jamais prevalecerá. Diz Orlando: “Hoje, e desde muito tempo, a mania é de ir espalhando fazendas, plantando capim onde antes havia árvores. Que colonização é essa, que põe um vaqueiro e seu cavalo a dominar léguas e léguas? Querem colocar nesse interior milhões de cabeças de gado. Muito bem. Mas e o ser humano, o índio, para onde vai? Será esmagado, sem dúvida”.

Em seu desencanto, estaria realmente Orlando com planos de abandonar de vez a lida com indígenas? Ele responde que não: “Já pedi aposentadoria, o processo está em andamento desde o ano passado. Mas isso não significa que vou abandonar a luta em favor dos índios. Temos, o Cláudio e eu, muitas pesquisas a pôr em ordem, para colocar em livro, e conferências também, que pensamos fazer. Não vamos sair de perto do índio. Tem ainda uma tribo, pelo menos, que desejamos contatar”.

O canoero — Resta uma tribo, diz Orlando. Provavelmente não será a última. Antes, sabia-se, apesar de eles não terem feito uma comunicação pública, que os Villas Boas abandonariam seu trabalho quando contactassem os índios gigantes. Agora, Orlando fala de sua intenção de ir atrás do índio canoero, que vive em Goiás sem território fixo, num nomadismo que o conduz até as proximidades da Bahia. Seriam uns oitenta, esses canoeros, remanescentes da bandeira do “Anhangüera”, há mais de três séculos. Têm a pele escura, o cabelo crespo, resultado da mistura de índios e pretos que fugiram da expedição do velho bandeirante. Também das bandeiras trouxeram o conhecimento do ferro e o hábito de comer carne de cavalo ou de burro, para desespero dos fazendeiros da região.

E Cláudio Villas Boas, o filósofo de resistência física tão rara, que lhe permite suportar um ano inteiro de desconforto supremo, estará cansado, resolvido a repousar depois desta última aventura? “Por que a última?”, ele se espanta. E, a seguir, mesmo reconhecendo que a idade não mais lhe favorece (“Já não sou moço, estou com mais de cinqüenta anos”), se apresenta para novas missões

que lhe confiarem. “Não tenho intenção alguma de parar. O Orlando também não.”

A missão — A causa do índio, mais que tudo, os anima. Orlando, na véspera de viajar para o Peixoto de Azevedo, na quarta-feira da semana passada, via umas fotos de seu filho único, de dois anos. Gabava-lhe o aprumo: “Parece um senador”. Ou um sertanista? — perguntaram-lhe. “Quando ele crescer não terá mais índios a defender”, respondeu Orlando, com uma expressão amarga no rosto geralmente alegre. Seguiu-se uma torrente de críticas, extensas mas comprimidas em curtos minutos, contra injustiças centenárias, incompetências recentes, ganâncias eternas.

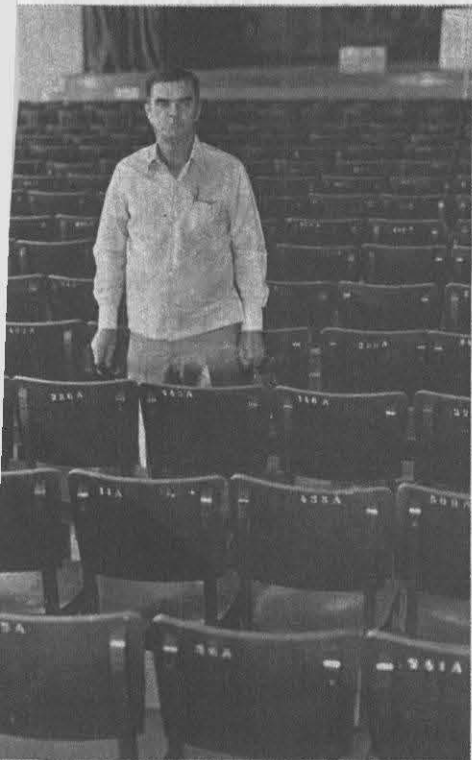
A mesma ira justa assalta o irmão, tira-o de sua candura característica, quando teoriza a respeito do índio em face da civilização. Mal chegou perto do kranhacãrore e o eleva, como ser humano, acima do resto dos homens. “Como nós somos complicados, cheios de reservas! O nosso inconsciente deve funcionar mais que o dos índios. Talvez um Freud não tivesse possibilidades de sobreviver no meio deles, porque não ia encontrar conflitos.”

O remorso — Colocar juntos seres humanos tão distintos, submeter a minoria — que exatamente por essa condição atingiu, em sua sociedade, ideais de perfeição, como a inexistência de homicídios ou roubos — a uma maioria que progressivamente aumenta a sua violência, essa é a fatalidade que os irmãos Villas Boas vislumbram num horizonte cada vez mais próximo.

Tão terrível é a visão, que Cláudio se trai, se abriga, durante a entrevista dada dias depois do contato com o kranhacãrore, numa distante possibilidade de as próprias transformações e os avanços da ciência extirparem do homem a sede de propriedade e de fortunas que o leva selvas adentro, a expulsar o índio. Refugia-se nesse pensamento, esquecido do que está escrito em seu diário de expedição, no dia 24 de março. Ainda era o início, ele procurava lugar para um campo de pouso. E subiu a uma elevação, de onde enxergava mais longe: “Bonita vista proporcionou-nos o alto do serrote. Para o sul, o vale em todo o seu esplêndido conjunto, serpenteando por entre duas cadeias regulares de morros que o comprimiam e orientavam. Para o norte, o ribeirão, despencando em espumas, dava-nos a curiosa impressão de longos tetos brancos de casas enfileiradas. Voltando para o sul, a visão daquela forte e extensa paisagem, intocada ainda, como nas origens, nos fez pensar, com antecipado e estranho remorso, na brusca transformação por que em breve passará”.

político de Lavoura. Tendo começado em 1947, como vereador pelo PSD, passou pelo PDC e pelo PTN e hoje explica essa inconstância partidária de forma singela: "Os partidos não têm educação nem doutrina, quando a gente quer se candidatar escolhe um deles e entra". Em 1966 foi para a Arena porque era candidato mais uma vez, e um intransigente defensor do Ato Institucional.

... e sem modéstia — Pelo menos um grande político fluminense cresceu à sua sombra: Geremias Fontes foi seu oficial de gabinete na Prefeitura, em 1955, quando se consagrou outro slo-



ANTONIO MONTEIRO

oura: autor de tudo em São Gonçalo

gan: "Lavoura na picareta, Geremias na caneta".

Em 1966, Geremias Fontes elegeu-se governador do Estado, e logo estava rompido com o antigo protetor, que chegou a ser indiciado num IPM. Isso não chegou a abalar o prestígio de Lavoura, que em 1970 foi o deputado mais votado do Estado. Na Assembléia, caracterizou-se por pouco falar e pelo hábito de enrolar as pontas dos colarinhos das camisas, para adiar compromissos urgentes com a lavanderia. E mesmo com um prefeito adversário conseguiu, no ano passado, reconquistar a Prefeitura, obtendo 44 000 votos num colégio de 100 000 eleitores, concorrendo com dois candidatos da Arena e três do MDB. Sem modéstia, ele explica o novo êxito: "Tudo que existe em São Gonçalo fui eu quem fiz".

FRAUDE

Um ato justo

Ao demonstrar na Justiça Eleitoral que a ínfima parcela de votos em branco (3,5 por cento)* em Ituiutaba, nas eleições de 1970, revelou mais a desonestidade de alguns políticos que o civismo de seus habitantes, Nilson Gontijo, primeiro suplente do MDB na Assembléia Legislativa de Minas Gerais, diplomou-se deputado na semana passada, num ato que encerra muitas lições.

Como um experiente político e antigo fiscal do INPS, Gontijo certamente confiava na Justiça ao denunciar a fraude logo após as apurações. O que ele dizia era uma providência inédita no país: a reabertura das urnas e a revisão de seus resultados.

Sempre à margem dos códigos jurídicos, o crime comum anda de mãos dadas com o crime eleitoral. E assim, no processo criminal que corre no Tribunal Regional Eleitoral, ouviram-se os acusados.

Dois deles, Samir Tannus e Juran-dir Moreira, não tinham muito a temer, pois manteriam suas cadeiras na Assembléia mesmo sem os votos em branco que foram contados a seu favor. O terceiro beneficiado pela fraude, Rodolfo Leite, porém, não poderia suportar a sangria e lutou na Justiça. Perdeu o mandato e uma considerável parte de seu prestígio político.

Calvo e cardíaco — Gontijo teve que esperar mais de dois anos para ver reconhecida sua cadeira na Assembléia, ocupada indevidamente por Leite. Durante esses longos meses, perdeu parte de seu patrimônio, foi premiado com um permanente distúrbio cardíaco e uma calvície inesperada. No entanto, otimista, já declarava sua prudente linha como novo membro da bancada do conturbado MDB: "Não serei nem autêntico nem moderado, mas um moderado autêntico e um autêntico moderado". E depois de receber o diploma afirmou: "Não vacilei um só momento. Sempre acreditei que há justiça nesta terra". Para o presidente do TRE, desembargador Gérson de Abreu e Silva, cumpriu-se simplesmente um compromisso democrático: "Essa é a função da Justiça Eleitoral: preservar os princípios que fundamentam a democracia, baseada na vontade popular".

Na verdade, tudo indica que tanto o deputado quanto o desembargador estão certos.

E a fórmula escolhida, o processo jurídico, mostrou que a corrupção pode ser punida sem a necessidade de recursos policiais ou de mecanismos de exceção.

* A média nacional foi 40 por cento.